

# O USO DA ANOTAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA APRESENTAÇÃO DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS: ANALISANDO AS ESCOLHAS QUE FAVORECEM O ENTENDIMENTO DO LEITOR<sup>1</sup>

Vânia de Aquino Albres Santiago  
Universidade Federal de São Carlos- UFSCar

Eixo temático: Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais

## INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a interpretação de Língua de Sinais cada vez mais complexas têm sido desenvolvidas, envolvendo língua e cultura, nas interfaces entre dialogia e alteridade. O objetivo deste trabalho é entender como se dá a organização dos textos de publicações sobre a tradução de/para língua de sinais, mais especificamente, como é feita a apresentação de trechos de enunciações em Libras, sua discussão e análise entremeadas em um texto escrito que se refere a uma língua de modalidade gestual-visual, de forma a favorecer ao “leitor”, sujeito cognoscente, o entendimento sobre a análise e discussão destes trabalhos. Pois, no geral, as línguas envolvidas no processo de interpretação são observadas em vídeos, entretanto, o registro em vídeo faz parte do processo de análise, sendo necessário o registro das enunciações em Libras no trabalho acadêmico apresentado em papel.

Nos dizeres de Bakhtin (2010 [1979], p. 395) “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”.

A transcrição da língua de sinais pode ser considerada como uma possibilidade de apresentação dos dados de uma pesquisa, onde o seu corpus compreende a materialidade da língua de sinais, porém considerando a dificuldade de realizar a anotação escrita de uma língua viso-gestual e ainda deste registro fazer sentido para o leitor de uma pesquisa acadêmica em português, o pesquisador precisa fazer várias escolhas com base na sua interpretação da realidade material, que se apresenta na expressão dos falantes, considerando sempre os limites e possibilidades desta forma de apresentação dos dados. Para McCleary, Viotti e Leite, (2010), no caso das línguas de sinais, a tarefa de transcrição se torna particularmente complexa, pois o pesquisador precisa tomar decisões sobre o que registrar e o

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao eixo temático Avaliação da tradução/interpretação de/para a língua de sinais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Florianópolis - SC: UFSC. 12 a 14 de novembro de 2014.

que não registrar, sem saber ao certo a relevância daquela observação para o funcionamento da língua.

Segundo McCleary, Viotti e Leite (2010) tem sido adotada uma variação de um sistema de glosas, sistema em que uma palavra é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente, e os sinais não manuais podem ser representados por códigos sobrescritos, e usos do espaço de sinalização podem ser indicados por letras ou números subscritos. Sendo assim, o uso do sistema de glosa simples pode ser considerado razoavelmente apropriado, no entanto, a depender dos objetivos de análise do trabalho acadêmico, ser também considerado limitado. “[...] Apesar de as línguas sinalizadas já estarem sendo estudadas por linguistas por quase meio século, o problema da sua transcrição continua sendo um desafio sem solução clara” (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p.1). Também, segundo os autores, há questionamentos sobre em que medida a escrita continuará ou não a desempenhar um papel central nas análises linguísticas, frente ao surgimento das novas tecnologias digitais.

Para McCleary, Viotti e Leite, (2010) é inegável que a tarefa de decidir quais aspectos dos dados gravados são funcionalmente significativos e merecem ser transcritos é árdua e, muitas vezes, arbitrária. Podemos entender que a escolha do método de transcrição, e no caso do uso de glosas, a escolha de palavras que representarão ortograficamente os sinais, implicam no conceito de que a transcrição por si só já envolve um processo tradutório, que está imbricado na prévia interpretação dos dados de uma pesquisa.

Há que se fazer uma ressalva quanto à especificidade da pesquisa acadêmica. Nas ciências humanas há um caráter dialógico, com o foco na análise interpretativa dos eventos e a disseminação do conhecimento produzido por meio dessa interpretação, e que a pesquisa acadêmica tem um interlocutor, o “leitor”, sujeito cognoscente, que também interpreta os dados apresentados.

A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas. A interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva. Pode servir diretamente à prática vinculada às coisas. [...] As ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças (as coisas ou funções). (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 399)

A forma não pode ser entendida independente do conteúdo, também não pode ser independente da natureza do material e dos procedimentos de elaboração desse determinado conteúdo (BAKHTIN, 2010 [1979], p. 177). Frydrych, (2010) explica que na passagem do texto oral para a Libras há uma mudança radical na modalidade comunicativa, pois há uma

transposição intermodal, existe, portanto aí um determinado procedimento que envolve as duas línguas, e segundo a autora, além disso, há uma nova mudança provocada pela passagem da Libras para o texto escrito – na transcrição – outra transposição intermodal.

Dentre as funções da transcrição da interpretação, destaca-se a tomada do intérprete como sujeito de fala, ou seja, enquanto alguém atravessado pela linguagem, e não apenas como um ser “falante” no mundo, o que implica em reconhecer sua posição de enunciador. Para a autora, “conceber a transcrição na perspectiva da linguística da enunciação, significa tomá-la também como produto de um ato de enunciação. Temos, então, na transcrição de uma interpretação uma tripla enunciação” (FRYDRYCH, 2010, p.22).

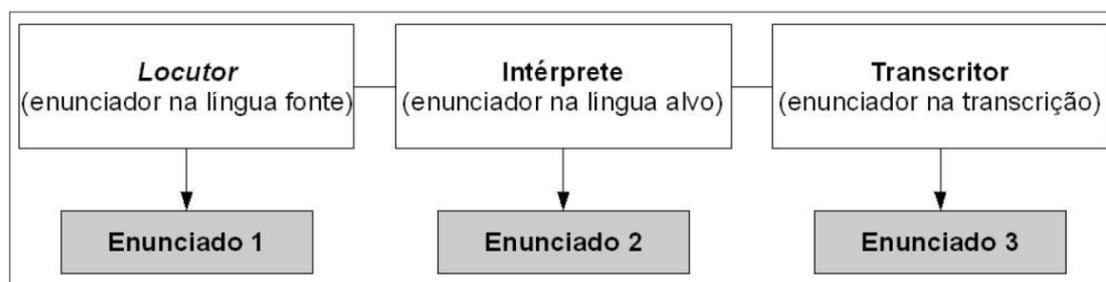


Figura 1: Esquema da tripla enunciação

Fonte: FRYDRYCH, 2010, p. 23

A transcrição e a sua forma de apresentação, por si só, representam um dizer, representa a observação e a compreensão do dizer do outro (esse outro o intérprete de língua de sinais), atividade que é dialógica. Para Flores (2006, p. 74) transcrever é condição de análise empreendida em linguística, sendo até mesmo uma etapa da análise; b) a transcrição como ato enunciativo mostra um ‘dizer’ que comporta ela mesma um outro “dizer”; c) cada transcrição é sempre única, singular e não linearmente extensível; d) não há integralidade na transcrição. Compreendendo a transcrição em Glosa uma ‘forma’ recorrente de anotação da língua de sinais apresentada em pesquisas científicas, é importante entender este processo como parte e inerente ao trabalho do pesquisador. No entanto, sem esquecer que a pesquisa gera um produto final, um artigo, uma dissertação, uma tese, que dialogicamente se corresponde com outros pesquisadores e estudiosos do conteúdo que apresenta.

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa com base na análise documental de cunho analítico. Para tanto, foram escolhidas 10 publicações entre artigos científicos, dissertações e teses que analisam diferentes aspectos da tradução/ interpretação de Libras/Português/Libras, e que tenham como

base dos seus dados as enunciações em Libras e Português e que fizessem uso de alguma forma de transcrição destes dados. Os excertos de cada texto foram examinados com base na sua forma, conteúdo e objetivo do trabalho em questão. As questões de pesquisa são: a) Quais as possibilidades de referência do texto em Libras em publicações acadêmicas; b) O que parece influenciar a forma de apresentação dos dados nestas publicações.

## RESULTADOS

Observamos diferentes estratégias de apresentação dos dados dos trechos em Libras:

- 1 - Transcrição em Glosa na vertical, em tabela e anotação do tempo do vídeo;
- 2 – Descrição aspectual do sinal no decorrer do texto;
- 3 - Decupagem<sup>2</sup> e transcrição em Glosa em tabela;
- 4 - Imagem do ELAN com duas câmeras, transcrição em Glosa e a descrição dos aspectos não manuais do sinal em tabela;
- 5 - Transcrição em Glosa com a numeração de cada trecho;
- 6 - Imagem do ELAN e a transcrição em Glosa;
- 7 - Transcrição em Glosa e apresentação do desenho de um sinal destacado no texto em tabela;
- 8 – Transcrição em Glosa no decorrer do texto;
- 9 - Transcrição em Glosa em tabela e anotação do tempo do vídeo;
- 10 - Imagem do vídeo com a disposição verbo-visual e transcrição em Glosa.

---

<sup>2</sup>*Decupagem*: descrição detalhada da sequência de enquadres dos sinais, contendo a movimentação do corpo do sinalizador, da direção da tradução para língua gestual-visual. (ALBRES, 2012)



## DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O uso da Glosa é recorrente em todas as pesquisas observadas, usada isoladamente ou em conjunto com outras anotações. Foi possível verificar que o uso da Glosa consiste em uma estratégia de aproximar visualmente os textos da língua alvo e da língua fonte, o português e a Libras, para fins de análise e comparação dos enunciados, no entanto a necessidade da imagem também parece emergente nos trabalhos pesquisados, alguns trabalhos relataram não usar imagens por questões éticas relacionadas à pesquisa. Outros fizeram uso de imagens de formas variadas: sinal a sinal, do ambiente, dos sujeitos envolvidos, da cena verbo-visual. Quase que a totalidade dos trabalhos apresentou dados em tabelas, dos enunciados, e das considerações e análises feitas pelos pesquisadores.

O uso da imagem do sinal, ou seja, da *decupagem* é uma possibilidade, no entanto, esta opção pode restringir-se por algumas questões: a) a organização do texto em Libras com as imagens acaba por não otimizar o espaço na formatação do texto do trabalho acadêmico; b) em várias situações as cenas da interpretação são filmadas em ambiente natural, com pouca ou baixa iluminação e condições de captação de imagens, nesse sentido a qualidade da imagem do vídeo por vezes não permite *decupagem*; c) a necessidade de sigilo em relação a identidade do sujeito da pesquisa impede o uso da imagem do sinal, essa é uma problemática que permeia os estudos sobre as línguas de sinais e sobre a tradução/interpretação de línguas de sinais.

Constatamos que a apresentação das enunciações em Libras no corpo do texto escrito de trabalhos acadêmicos sobre tradução/ interpretação ocorre de diferentes formas e que estas escolhas estão vinculadas ao objetivo do trabalho e do aspecto da língua elencado nas questões de pesquisa de cada publicação. Nesse sentido, destaca-se que a materialidade estética do texto apresentado em nestes trabalhos acadêmicos se dá na relação entre o conteúdo, a forma e os sujeitos cognoscentes, sendo que a materialidade dos textos pesquisados expressam intenções e sentidos pretendidos pelos autores, denunciando a impossibilidade de uma pretensa neutralidade na produção de ciências humanas, no entanto nos parece interessante, dos dados por meio da transcrição, *decupagem*, tabelas e imagens, pensar na disponibilização do vídeo base de dados e citação do tempo do trecho do vídeo, com o objetivo de possibilita ao leitor, sujeito cognoscente, ter acesso ao texto registrado na sua integralidade, e desfrutar da possibilidade de colaborar valorativamente com a análise apresentada nas publicações de trabalhos escritos sobre a interpretação de/para língua de sinais.

## REFERÊNCIAS

- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. (1ª edição 1992) São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Humanas* (1ª edição 1974) IN: *Estética da Criação Verbal*. pp. 393-410. São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010b.
- BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Ap. *O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e libras*. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758
- FIDELIS, Ester Barbosa. Uma análise da interpretação da bíblia para a Libras à luz dos procedimentos técnicos da tradução. In: *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como uma modalidade de enunciação. In: *Organon: Porto Alegre*, nº 40/41 – janeiro-dezembro 2006. p.61-75.
- FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. *Transcrição da Interpretação para Libras: uma abordagem enunciativa*. Trabalho de Conclusão de curso. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de libras no âmbito organizacional das testemunhas de jeová*. Dissertação de Mestrado Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.
- MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. *Interpretação e tradução de libras português dos conceitos abstratos crítico e autonomia*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012.
- NASCIMENTO, Marcos Vinícius. *Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- RODRIGUES, C. H. Efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea para a língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012 ISSN 1678-8931
- SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. *Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico*. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2013.
- SANTOS, Ozivan Perdigão. *Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização*. Dissertação de Mestrado Belém: UEPA, 2012.
- SANTOS, Renata Sousa. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras In: *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012.
- SILVA, Lidia; RODRIGUES, Cristiane Seimetz. Marcas aspectuais na interpretação simultânea do Português para a Línguas de Sinais Brasileira (LIBRAS) *Eletras*, vol. 20, n.20, jul. 2010.
- MCCLEARY, L. E. ; VIOTTI, E. C. . Transcrição de dados de uma língua sinalizada: Um estudo piloto de transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: Heloisa Maria Moreira Lima-Salles. (Org.). *Bilinguismo dos surdos: Questões linguísticas e educacionais*. Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007, v. , p. 73-96.
- MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C.; LEITE, T. Descrição de línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso). v. 54. p.265 – 289, 2010.